



Perspectivas narrativas, estruturais e semiológicas da crônica de Airton Monte¹

Anamélia Sampaio Farias²
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo:

O presente trabalho faz uma breve análise da narrativa do escritor cearense, Airton Monte, tendo como base um de seus textos mais famosos: “*Um gosto de infância*”³, enquadrado dentro do gênero jornalístico-literário crônica. Publicada tanto em sua coluna diária do jornal *O Povo*⁴ como em seu livro de coletâneas “*Moça com flor na boca – crônicas escolhidas*”, ela apresenta uma estrutura simples, real e poética. Resume o gênero em sua perspectiva estrutural e da técnica narrativa. Tem, na visão do narrador-personagem, o recorte de um breve instante da realidade que retrata. Por meio de signos, esta evidência não somente a sociedade como um todo, mas também a própria identidade do autor.

Palavras-chave: Crônica; jornalismo literário; narrativa; signos; realidade.

INTRODUÇÃO

A análise do discurso narrativo da crônica é repleta de descobertas. Os atores tomam lugares diferentes na perspectiva “normal” do cotidiano. O narrador é personagem da vida real e, da mesma forma que o próprio leitor, também não domina o cenário que retrata.

Antônio Airton Machado Monte, escritor cearense, é poeta em essência e psiquiatra por necessidade. Por isso, sabe mesclar bem esses dois conhecimentos, construindo narrativas e personagens bastante ricos psicologicamente. Desde 1998 agracia diariamente os leitores do Jornal *O Povo* com suas crônicas diárias.

A indicação de seu livro *Moça com Flor na Boca*, em 2006, para o vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC) é prova do sucesso do autor com todos os tipos de público. Muitas vezes admirado pela crítica, noutras censurado, Airton Monte é uma

¹ Trabalho apresentado DT 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Aluna do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: anameliasampaio@yahoo.com.br

³ MONTE, Airton. **Moça com flor na boca – crônicas escolhidas**. Fortaleza, FUNCET/Imprensa Universitária, 2004, p. 73. 74

⁴ Jornal brasileiro fundado em 7 de janeiro de 1928 por Demócrito Rocha, com sede em Fortaleza, Ceará, sendo um dos dois maiores jornais do estado.



figura controversa e intrigante. Ele próprio é personagem da cidade e, em suas crônicas, rememora com saudade uma Fortaleza antiga, que poucos conheceram. Ao mesmo tempo, reflete acerca da dureza da realidade que hoje presencia. É um poeta do cotidiano e um boêmio inveterado, tendo pela cidade uma relação conturbada, na qual, o amor prevalece.

Sua linguagem diferenciada, principalmente nas crônicas, é uma das características mais marcantes do autor. É simples sem ser vulgar. É coloquial, porém poética. Assim, os leitores passam a se identificar com fatos e palavras que eles encontram em seu cotidiano. Contudo, apesar de a grande parte da população reconhecê-lo como o “cronista da cidade”, os literatos cearenses destacam também a importância de Airton em gêneros como o conto e a poesia, tendo já livros publicados com ambos os gêneros.

As crônicas de Airton Monte são recortes do cotidiano vistos sob a perspectiva poética e boêmia de um homem comum. “*Um Gosto de Infância*” não é diferente e, através de signos linguísticos e poéticos, retrata a realidade de personagens que podem existir facilmente em qualquer lugar da cidade.

Para ver além da banalidade, o cronista vê a cidade com os olhos de um bêbado ou de um poeta: vê mais do que a aparência, e descobre, por isso mesmo, as forças secretas da vida. Não se limita a descrever o objeto que tem diante de si, mas o examina, penetra-o e o recria, buscando sua essência, pois o que interessa não é o real visto em função de valores consagrados. (SÁ, 1985, p. 48)

Dotado desse olhar diferenciado sobre a sociedade é que Airton Monte, em breves linhas, consegue descrever com personalidade aquilo que presencia. A realidade que retrata é a aquela que ele mesmo vive. Diferente do “jornalismo puro”, no entanto, muitas vezes há a inserção de personagens e diálogos imaginários, mas que, tão realistas são, poder-se-ia dizer que realmente teriam existido.

1. Literatura e jornalismo literário

O jornalismo, como narrativa do cotidiano e do real, é uma atividade diferenciada da Literatura, que é ficção. Porém, muitas vezes, há uma troca entre esses dois universos que usam a mesma obra-prima na sua construção: a narrativa. E, segundo



Danton Jobim⁵, apesar de o jornalismo em si mesmo não ser literatura, eventualmente, “a reportagem, o editorial, a crônica, poderão converter-se em exemplos de belas letras.” Assim é também com a literatura, que vem beber muitas vezes do acontecimento real e diário para compor muitas de suas prosas e poesias.

Brincando entre a linha tênue que separa jornalismo e literatura, está o jornalismo literário, no qual o jornalista não se prende às amarras dos jargões jornalísticos e toma a liberdade de tecer os fatos por meio de uma linguagem mais subjetiva e próxima da literária. De acordo com Felipe Pena⁶, esse jornalismo se mostra como uma alternativa utilizada pelo profissional a fim de ultrapassar os limites impostos pela objetividade jornalística, a qual acaba por despersonalizar a informação, que chega ao leitor contaminada, tirando dela, muitas vezes, a carga emocional.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir a perenidade e profundidade dos relatos (PENA, 2006, p13).

Assim, a linguagem utilizada nesse tipo de jornalismo, segundo Sérgio Vilas Boas (2002, p.10), também conhecido como literatura da realidade, literatura de não-ficção, acaba por fugir das normas rígidas de estruturação da narrativa, as quais derivam da literatura. É nessa linguagem diferenciada, subjetiva, porém sem deixar a marca documental própria do jornalismo, que se insere a crônica, gênero híbrido que permeia literatura e jornalismo.

Airton Monte, enquanto escritor, se utiliza da crônica para retratar o cotidiano. Tendo o jornal como suporte, veicula pequenas histórias, as quais poderiam fazer parte da história de vida de qualquer habitante da cidade de Fortaleza. Sempre pretensões de fazer jornalismo, ele acaba também documentando lugares e pessoas. Mistura a literatura ficcional, com a “literatura do real”.

2. A crônica

⁵ JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo, Edusp: ComArte, 1992, p. 39

⁶ PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.



A crônica é narrativa. Nasce na História e na literatura e se torna na América Latina também uma narrativa jornalística do cotidiano que pressupõe os atores comuns a qualquer tipo de discurso semelhante ao que se propõe discutir, pois:

Mesmo que haja, no interior da narrativa, uma grande função de troca (repartida entre um doador e um beneficiário), da mesma maneira, homologicamente, a narrativa como objeto, é alvo de uma comunicação: há um doador da narrativa, há um destinatário da narrativa. [...] da mesma maneira não pode haver narrativa sem narrador e sem ouvinte (leitor) (BARTHES, 1976, p.47).

Pode-se dizer que, ao passear entre o escrever literário e o jornalístico, a crônica pega emprestado características das duas técnicas narrativas, as quais a tornam um gênero único, ora seguindo um viés mais informativo, ora um viés mais lírico. Porém, nunca deixa de ser narrativa. Pode descrever, através das entrelinhas adjetivadas de um poeta, a verdade nua e crua do subúrbio da cidade. Ela “lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances” (SÁ, 1985, p. 6). E é nesses pequenos lances que o leitor é inserido em um contexto social no qual acaba se identificando, pois ele também recria e atribui significações às “imagens poéticas”. “A crônica, na imprensa brasileira e portuguesa, é um gênero jornalístico opinativo, situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real” (MARQUES DE MELO apud: CASTRO e GALENO, 2002. p.147).

A crônica é um gênero que pode ser jornalístico ao mesmo tempo em que é literário. Muitas vezes transcende as páginas fugazes do jornal sendo atual em qualquer época, podendo até mesmo ser coletada em livros, tal qual ocorre na literatura. É o texto que o leitor gosta de ler porque é também o que gostaria de escrever. Apesar do tom de “conversa fiada”, ela mostra reflexões, tréguas à dura vida cotidiana e aos problemas sociais. É a realidade interpretada aos olhos do cronista. Não deixa de ser jornalismo nem de ser literatura. Segundo Jorge de Sá (1985, p.45)⁷

Ludicamente, o cronista percorre a cidade. Ouve conversas, recolhe frases interessantes, observa as pessoas, registra situações – tudo através do olhar de quem brinca e, pelo jogo da brincadeira, reúne forças para superar a realidade sufocante. É nesse contexto que o fato em si ganha mais importância que os personagens.

⁷ SÁ, Jorge de - **A crônica**. São Paulo, Ática, 1985, p. 45



A crônica nasceu como relato cronológico de fatos históricos e vem do latim *chronus* que significa tempo. Em cada país é construída em diferentes formatos, tendo também variados conceitos. Esse tom opinativo, entre informação de atualidades e narração literária, no que seria, segundo José Marques de Melo⁸ (2002, p.147), um “relato poético do real”, só tem espaço na crônica luso-brasileira a partir da década de 30. No Brasil, ela se torna a expressão do jornalista sobre os fatos cotidianos e sobre os estados psico-sociais da coletividade.

Assim, por tratar da realidade, reconstituindo-a, não deixaria de ser importante dentro da prática jornalística. Como visão do cronista sobre essa realidade, utilizando-se de recursos estilísticos e da pura subjetividade do autor, não deixaria de ser narrativa literária. Mesmo que em tom coloquial, e tendo, muitas vezes, uma abordagem superficial, não é literatura menor. Não deixa de ter o vigor e o alcance que se pretende.

As crônicas de Airton Monte, dentro da classificação de Afrânio Coutinho⁹ (1985, p.117), passeiam entre crônica narrativa (assemelhando-se ao conto), crônica metafísica (reflexões filosóficas) e crônica poema-em-prosa (lírica). Expressam as inquietações de quem as escreve. Assim como nas características abordadas no estudo sobre a crônica brasileira, Airton Monte enxerga nos fatos íntimos do cotidiano, temas para seus textos, mostrando grande intimidade com esse gênero jornalístico.

Airton Monte tem um texto conciso, fala de temas atuais, bem como de suas inquietações como qualquer homem. A crônica torna-se uma forma de Jornalismo Literário que visa a sair do habitual, da dureza cotidiana que somos obrigados a viver e a ler nos jornais. É uma reflexão aos olhos do cronista que noticia os fatos corriqueiros, através de um “bate-papo” franco e direto com o leitor. Através da poesia das palavras, contraditoriamente, ele o seduz e o traz para a realidade. O próprio autor fala em uma de suas crônicas dedicadas à sua mulher sobre a construção poética da vida urbana:

[...] Talvez eu esteja dando a essa pracinha de subúrbio uma poesia que ela não possuía, não continha. Que coisa mais chata a realidade, que coisa mais sem graça, mais sem imaginação, mais sem poesia. E sei que, apesar da minha tragédia pessoal, a poesia ainda está em mim escondida, meio encabulada de mostrar as caras.

Por isso desejo falar das pequenas belezas do nosso cotidiano, da casa que não lhe pude comprar, da viagem à Veneza que lhe prometi um

⁸ MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra** – São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p.147

⁹ COUTINHO, Afrânio. In: MELO, José Marques de. A opinião no jornalismo brasileiro – Petrópolis: Vozes, 1985, p. 117



dia, e de como não tem mais jeito d’eu criar juízo e viver uma vida normal. [...] ¹⁰

Assim, Airton Monte torna-se poeta do real. Meio escritor, meio jornalista, ele se inquieta diante do mundo e põe isso nas páginas do jornal. Noticia o que normalmente não é noticiado. O mendigo sem nome da praça da Gentilândia, a jovem prostituta sem rumo, o homem que come uma manga na calçada. Todos eles são personagens do cotidiano que fazem parte de um Jornalismo que está cada vez mais próximo da Literatura.

3. Airton Monte

Formado em Medicina pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Antônio Airton Machado Monte, filho de Airton Teixeira Monte e Valdeci Machado Monte, nasceu na cidade de Fortaleza, em 1949 e, como ele mesmo diz, “de parto normal, filho do primeiro amor e do primeiro descuido”. Habita desde o nascimento a Rua Dom Gerônimo, no bairro da Gentilândia e sempre andou pelos arredores do bairro Benfica. Esses locais, centros culturais da juventude de Fortaleza, não só na época em que era universitário, mas até os dias de hoje, contribuíram para a formação intelectual dele, sempre na companhia de livros e da boemia amante da leitura e das artes.

Os amigos dizem que ele é psiquiatra por necessidade e contista e poeta em essência. É mais do que isso. É também roteirista de televisão, comentarista de rádio. Já escreveu peças de teatro e novelas. Tem quatro livros publicados: *O Grande Pânico* (1979), *Homem não chora* (1981), *Alba Sanguínea* (1983) e *Moça com Flor na Boca* (2004), e este ano (2010) irá publicar *Os Bailarinos*, um livro de contos. Participou também de algumas antologias e dizem que tem muitas outras obras prontas. Tornou-se conhecido no cenário da literatura cearense ao publicar contos na antiga revista *O Saco*¹¹. Foi um dos fundadores do *Grupo Siriará de Literatura*¹² e hoje agracia

¹⁰ Crônica intitulada *Um instante de vida*, de Airton Monte, publicada na coluna Airton Monte no Jornal *O POVO* no dia 30 de outubro de 2009.

¹¹ Revista mensal de cultura criada em 1976 por escritores cearenses com o único intuito de ver suas obras publicadas. Logo depois, contou com colaborações de escritores de todo o Brasil e até do exterior, tendo fim no ano de 1977.

¹² Movimento Literário iniciado em 14 de julho de 1979, com a publicação do “Manifesto Siriará”, do qual participaram vários escritores e poetas cearenses. Editou livros, promoveu um seminário com a leitura e discussão de textos dos seus membros, participou de encontros com estudantes, publicou uma revista-antologia e um suplemento especial no jornal *O Povo* e, apesar de não ter deixado “uma contribuição significativa enquanto movimento de renovação estética e literária, dele provêm alguns dos melhores escritores cearenses da década de 1980.



diariamente os leitores do Jornal *O Povo*, que se deleitam com as crônicas de Airton, por vezes existenciais e intimistas, outras vezes críticas e irônicas.

Há 12 anos, seu trabalho no jornal *O Povo* provoca comentários de leitores-admiradores apaixonados pelas breves linhas diárias da crônica, que, para o escritor, tornam-se palco de reflexões sobre a nossa cidade. Canta a beleza das nossas paisagens, rememora a antiga Fortaleza e chora a dura realidade que o cerca. Homenageia nossos personagens, emociona com a sutileza do poeta. É poesia em prosa. Sobretudo, é uma conversa franca com o leitor, na qual Airton se expõe e se mostra por inteiro. Fala de si, de seus medos e inquietações enquanto homem. Ele se torna íntimo de quem o lê. Faz parte do dia-a-dia de homens e mulheres que nem mesmo o conhecem. Segundo ele, qualquer coisa pode se tornar mote para seus textos: livros, frases, amigos, pensamentos, diálogos com estranhos.

Mesmo ao tornar-se psiquiatra, ele jamais abandonou o amor pela Literatura. Um de seus amigos pessoais e antigo companheiro de revista *O Saco*, o escritor Nilto Maciel, acredita que Airton tenha uma “carta na manga”. Seus personagens tão ricos e bem construídos, contam com a ajuda da mente do Dr. Antônio Airton Machado Monte. Talvez seja por ter se especializado em Psiquiatria, que o artista tenha tanta facilidade em entrar na mente de seus personagens.

4. Um Gosto de Infância

“*Um gosto de infância*”. Época da vida retratada por Airton Monte na forma de uma simples manga madura devorada com gosto e vigor. Ela nada mais é do que um signo, ou seja “está no lugar de algo, seu objeto. Está no lugar desse objeto, porém, não em todos os seus aspectos, mas apenas como referência a uma espécie de idéia” (NÖTH, 1998, p.78). Sob o signo da fruta preferida está o significado (ou *representamen* segundo Pierce) de uma parte da vida. A melhor de todas. Onde não há preconceitos, amarras sociais. A inocência não permite que se sinta vergonha. Por isso o homem “de meia idade, barriga proeminente de prosperidade” se lambuza feito criança em plena calçada, fora do ritmo da apressada e escaldante Fortaleza.

A utilização da palavra *bucolicamente*, quando o autor se refere ao ato de comer realizado pelo homem, demonstra a volta para a infância, a pureza do menino que um dia foi. Ao mesmo tempo, ele saboreia a fruta de forma olímpica, colocando, pois, essa



fase da vida como um momento de exaltação e plenitude humana. O homem come com prazer, e esse sentimento, para o autor é sublime e divino.

A ideia inicial seria de um homem morto de fome, um *esmoler* (utilizando signos que denunciam a origem cearense do autor), dava a avidez com que ele comia a fruta. Porém, ela é quebrada por meio de pistas que revelam a prosperidade do voraz “comedor de mangas”. A vestimenta de boa aparência, o “carrão” importado e caro, são também signos sob os quais se escondem a realidade social da personagem. Ele não possuía os traços típicos de um mendigo: o olhar vazio e o ar de cachorro abandonado. E esse fato é o cerne da crônica. É o que intriga o narrador e o que o faz partir para uma profunda reflexão.

Tendo a capital cearense como cenário da crônica, o psiquiatra-cronista retrata o cotidiano. Transforma um simples fato corriqueiro em fato noticiado em jornal. Sob o olhar do cronista, que é narrador, e ao mesmo tempo protagoniza o discurso literário-jornalístico, a intimidade de um homem que come uma manga sentado na calçada, é recortada do mundo real para a poesia das palavras escritas.

Os signos do narrador parecem a primeira vista mais visíveis e mais numerosos que os signos do leitor (uma narrativa usa mais frequentemente eu que tu); na realidade, os segundos são simplesmente mais disfarçados que os primeiros; assim, cada vez que o narrador, cessando de <<representar>>, relaciona fatos que conhece perfeitamente mas que o leitor ignora, produz-se, por carência significativa, um signo de leitura, porque não teria sentido que o narrador desse a si mesmo uma informação. (BARTHES, 1976, p. 47)

A ideia de Barthes se mostra um pouco diferente na crônica retratada na medida em que o narrador-personagem não entende tudo o que vê nem descreve. E esse “não entender” o intriga; o faz refletir. Ele apenas recorta uma cena que presencia, sendo capaz de enxergar a beleza e a poesia no que parece banal aos olhos da maioria. O cronista para no tempo e passa a tecer uma teia reflexiva sobre aquilo que vê. Além disso, há uma grande identificação do leitor com o cronista, pois este trata da realidade que pode ser também a realidade do receptor.

5. O narrador personagem

A partir do olhar do autor sobre a cena ele em um momento de epifania. Inicia uma reflexão sobre o que sua infância. A introspecção de Airton Monte passeia pela crônica como se o leitor também estivesse lá e compartilhasse de seus pensamentos.



Pode-se sentir isso quando ele questiona o porquê de aquele homem, que parecia tão afortunado, estar se deliciando com uma fruta que ele encontrara ali mesmo, na rua. Um homem que poderia ter o banquete que bem quisesse; que poderia comprar quantas mangas desejasse, estava ali, sentado em uma calçada comendo “aquela” manga. Essa pergunta, os próprios leitores também se fazem, e é por isso que o cronista se torna cúmplice daquele que o lê. “Nesse caso o narrador sabe menos que qualquer um dos personagens. Pode-nos descrever unicamente o que se vê, ouve etc.” (TODOROV, 1976, p.237)

Tendo como base esse fato, que para o autor pareceu surreal, ele começa a tecer uma cadeia de pensamentos que o levam à conclusão de que a infância nunca morre dentro dos indivíduos. Segundo Airton Monte (2004, p. 74) “apenas permanece hibernando na alma aflita dos adultos, esperando o momento certo pra saltar fora de nós, de nosso escudo, e sair por aí pintando o sete”. E é por meio do signo da manga, que a infância é despertada e toma conta do homem sentado na calçada. É a partir dela que a criança se liberta da prisão que é o corpo adulto.

O autor-observador identifica na cena do homem comendo a manga, uma parte de sua infância. Ele se vê retratado naquele *flash* de sua existência e, como se voltasse anos atrás, relembra momentos semelhantes àquele que agora presenciava, como num *déjà vu*¹³ consciente. A manga é como o “despertar”; representa o clique que o traz para essa viagem ao passado de sua infância. Época que é projetada na figura do homem sentado na calçada. O cronista passa a ser o próprio homem. Ele traz para si o foco da narrativa.

Foi a manga, certamente. Com sua diamantina natureza, despertou nele o menino que um dia foi e que imperceptivelmente continua sendo. [...] Para mim as frutas preferidas sempre guardam um sabor de meninice entranhado nelas, quando assaltar os quintais alheios era a aventura mais suprema e corajosa, feito nos filmes de Tarzan (MONTE, 2004, p.74).

A partir daí a descrição minuciosa das frutas de sua infância, faz lembrar-lhe, cada uma delas, um momento específico. Segundo o autor, eram brincadeiras de tiro ao alvo com as azeitonas roxas que deixavam as roupas com manchas tintas, além de festas destruídas pelo simples fato de se chuparem tamarinas que, só de olhar, faziam a saliva dos músicos arruinar qualquer som.

¹³ Expressão francesa que designa um fato o qual o indivíduo tem a impressão de já ter vivido ou presenciado. Tradução literal de *já vi*.



Outro fato que se pode perceber é o intuito que o autor tem de demonstrar, por meio do homem de terno que para se deliciar com uma manga, a necessidade de que as pessoas têm hoje de dar uma trégua no conturbado cotidiano em que vivem. Retrata a necessidade de dar a si mesmo um pequeno prazer momentâneo e ver também, nas coisas simples da vida um vestígio de felicidade, despertada da lembrança ou não.

6. Entre o coloquial e o literário

A crônica de Airton Monte não somente reflete a própria realidade do autor, como também empresta as próprias palavras para que o leitor possa também retornar às suas experiências vividas. Através de uma linguagem, ora rebuscada (“bucolicamente”, “circunspecto”, “proeminente”, “acintosamente”, etc.), ora tipicamente coloquial, ele reflete o regionalismo cearense.

Expressões como “esmoler”, “agoniada”, “pintando o sete” e “tertúlias” são próprias do cotidiano daqueles que moram no estado do Ceará. Isso faz com que haja uma maior identificação do leitor com o que é retratado na narrativa. Como um dos objetivos do gênero crônica é retratar um instante da vida comum à maioria de seus leitores, a utilização de um vocabulário dentro do padrão mais “popular” e regional, provoca maior empatia e interesse de quem a lê.

Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. [...] O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata. (SÁ, 1985, p. 11)

Para Airton Monte, adjetivos parecem ganhar novos significados. A barriga proeminente passa a ser sinônimo de prosperidade; o trânsito vira gente e, para ele, é agoniado; a infância tem sabor; as atas são dotadas de uma geometria anárquica; os gomos de tangerina são perfeitamente arquetetados; as azeitonas têm nelas, um sangue arroxeadado e os instrumentos dos músicos se afogavam na saliva. O autor, assim como um menino, brinca com as palavras.

Considerações finais

A partir desse estudo, pode-se, pois, perceber a liberdade que o cronista tem de percorrer os caminhos que deseja para recriar a realidade. Airton Monte cria e mantém uma relação íntima com seus leitores. Faz isso utilizando apenas uma linguagem



comum a deles e baseando sua narrativa em fatos corriqueiros e que fazem parte da realidade da maioria das pessoas da cidade de Fortaleza.

Tendo como ponto de partida realidade, ele utiliza a linguagem e seus signos, não somente para contar de outra forma o que se vê, mas também para atingir de forma mais fácil e eficaz o seu leitor/receptor. O narrador enxerga com outros olhos a vida cotidiana que a maioria não se dá conta. Ao recortá-la e trabalhá-la de uma forma poética, simples e circunstancial, ele se torna o próprio protagonista da história.

Com seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias.” (SÁ, 1985, p. 11)

Utilizando uma linguagem metafórica que pega contribuições tanto da Literatura quanto do Jornalismo, e fazendo uma narrativa repleta de signos, Airton Monte consegue remetê-los a passagens de sua própria vida e trazer à tona memórias de uma infância distante. Não só palavras, mas objetos também se tornam uma forma diferente e sutil de perceber a realidade, que somente a sensibilidade do poeta é capaz de conseguir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland; PINTO, Maria Zelia Barbosa. **Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1976. 285 p. (Coleção Novas Perspectivas de Comunicação). Tradução de: L'analyse structurale du Recit.

BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo, Summus, 2003.

CASTRO, Gustavo de, GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo, Ed. Escrituras, 2002.

COUTINHO, Afrânio. In: MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro** – Petrópolis: Vozes, 1985.

JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo, Edusp: ComArte, 1992, p. 39



MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra** – São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p.147

MONTE, Airton. **Moça com flor na boca – crônicas escolhidas**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 2004.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**, 2 ed. São Paulo, Ed. Annablume, 1998.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 2. ed. São Paulo, Ed. Ática, 1985.